XIX encontro nacional de pesquisa em ciência da informação
ENANCIB
// SUJEITO INFORMACIONAL E AS PERSPECTIVAS ATUAIS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. //
22-26 OUTUBRO 2018
LONDRINA/PR
Universidade Estadual de Londrina

XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2018

GT-03 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

A CHARGE COMO FONTE E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO POLÍTICO BRASILEIRO

Isabel Cristina de Oliveira Souza (Instituto Federal da Bahia)

Brandão Toutain (Universidade Federal da Bahia)

THE CARTOON AS A SOURCE AND REPRESENTATION OF INFORMATION IN BRAZILIAN POLITICAL ELECTORAL DEVELOPMENT

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: A charge, em sua dimensão de atemporalidade, tem desempenhado seu papel como fonte e representação da informação ao longo do desenvolvimento político eleitoral brasileiro, considerando-se que ela transforma a montagem do grande número de dados fragmentados, através da história, em conhecimento. Quando fazemos interpretações históricas da linguagem não verbal, utilizamos um processo consciente de transmissão da informação e associamos classes de fenômenos mediados por códigos culturais. Por estes contextos, esta pesquisa dedica-se ao estudo do uso da charge como fonte de informação plena, e não apenas suplementar/complementar, como suposto em alguns compêndios dedicados a definir os significados de unidades léxicas. Este trabalho, segue o objetivo de analisar o uso desta forma de representação de linguagem não verbal como fonte de informação (objeto de estudo) no universo do contexto político republicano brasileiro, tendo como sujeitos os eleitores e candidatos. A pesquisa parte de uma exposição histórico-científica como forma de identificar suas percepções por parte do usuário da informação em seu aspecto político, compreendendo o período entre os primeiros anos da república e a contemporaneidade. O estudo segue como princípio as características da pesquisa descritiva documental, desenvolvidas a partir de uma abordagem qualitativa, incluindo abordagem filosófica. Ao final, como resultado da verificação da formulação provisória (hipótese), a tese da Tridimensionalidade da Informação Chargística é apresentada como resultado do desenvolvimento dos estudos realizados.

Palavras-chave: Ciência da informação; Linguagens não verbais; Charges.

Abstract. The cartoon, in its dimension of atemporality, has carried out its role as source and representation of information throughout Brazilian political electoral development, considering that it transforms the assemblage of the great amount of fragmented data through the history, which is being known. When we make historical interpretations of the non-verbal language, we use a

conscious process of transmission of the information and we associate classes of phenomena mediated by cultural codes. Due to these contexts, this research is dedicated to the study of the use of cartoons as a source of information which is complete in itself, not only supplementary or complementary, as supposed in some textbooks dedicated to defining the meaning of lexical unities. In order to fulfill this intent, it follows the aim of analyzing the use of this form of non-verbal language representation as a source of information (object of study) in the universe of Brazilian republican political context, whose subjects are the main interested in the political and electoral information, which means the voters. The research starts from a historical-scientific exposition as a way of identifying its perceptions by the user of the information in its political aspect, comprehending the period between the first years of the republic and contemporaneity. The study follows as principle the characteristics of bibliographical research and documental research, developed from a qualitative approach, and of a pure nature, including philosophical approach. It makes use of the cartoons as supporting elements for deducing, in logical manner, knowledge about the emissary of the message within the context it was emitted. Thus, the semiotic content analysis technique is used. Finally, as a result of the verification of the provisional formulation (hypothesis), it presents the thesis of the Tridimensionality of Cartoonistic Information as a result of the development of studies.

Keywords: Information Science; Non-verbal languages; Cartoons.

1 INTRODUÇÃO

Constatar que a informação política, algo intrinsecamente necessário para o ato decisório de eleger os representantes da sociedade perante os poderes públicos, é tratada de forma displicente, serviu de estímulo para pesquisar a trajetória da informação nos processos políticos eleitorais brasileiros. Em dado momento, a motivação surgiu também do acompanhamento das várias formas com as quais os eleitores e candidatos se comportam, em todos os níveis sociais envolvidos nesses processos em âmbito nacional. Motiva ainda a este trabalho, a observação dos grupos de discussões, nos quais eleitores disseminam informações; compartilham ideias; questionam; expõem as suas dificuldades; suas experiências e discutem pontos importantes na tentativa de desenvolver a melhor forma possível de escolher seus representantes.

Dessarte, o estudo do uso dos signos no gerenciamento da informação política no período republicano brasileiro, contemplado neste estudo, tem como ponto de partida uma pesquisa descritiva documental, cujo objetivo é analisar o papel da charge como fonte e representação da informação no desenvolvimento político brasileiro, em seu contexto republicano. Para atingir os resultados, buscou-se ainda, identificar os processos fenomenológicos envolvidos nos recursos informacionais utilizados; avaliar os conteúdos informacionais veiculadas em suas imagens; analisar sua influência na decisão dos cidadãos e, pelo ponto de vista da Ciência da Informação (CI), entender os processos cognitivos

envoltos no ato de ler a charge. O ponto de chegada, ampara-se no resultado encontrado no uso da Tridimensionalidade da Informação Chargística em sua proposta de modelo interpretativo das charges pelo ponto de vista da apropriação da informação (CI); pelos signos implícitos em suas imagens (Semiótica) e pelas associações de ideias oriundas das experiências individuais dos leitores da charge em seu viver político, cultural e social como cidadão.

Dentro deste último processo, investiga-se, com o auxílio de uma abordagem filosófica, a emersão desse jogo de imagens do recurso informacional do autor, até chegar à superfície desse fluxo de percepções sensoriais. Fenômeno, típico da charge enquanto fonte e representação da informação. Assim, no estudo da charge pelo ponto de vista da Ciência da Informação, a investigação construiu análise sobre a primeira república; a era getuliana; os governos populistas; o governo militar e a redemocratização, juntamente com os símbolos que marcaram os governantes mais importantes de cada era.

2 AS CHARGES NO CONTEXTO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Le Coadic (2004, p.4) conceitua que “a informação é um significado transmitido através da mensagem escrita por meio de signos e, constituída também, pelas funções documental e a simbólica”. Quando fazemos interpretações históricas da linguagem não verbal, utilizamos um processo consciente de transmissão da informação e associamos classes de fenômenos mediados por códigos culturais. Paralelamente, ele afirma que “a informação comporta um elemento de sentido. É um significado transmitido a um ser consciente, por meio de uma mensagem inscrita em suporte espacial-temporal”. Conceito de ampla concordância entre os autores da CI.

Processo este, que nos leva a pensar sobre a possibilidade de apreensão de sentidos. Algo essencialmente ligado ao real objetivo da informação, por sua discussão semântico-discursiva em conceituar a Ciência da Informação como uma ciência que tem como objeto a produção, organização, seleção, interpretação, armazenamento, recuperação, disseminação, transferência e uso da informação. Assim, ao associarmos os contextos de cada época e, suas formas de perceber as tendências das transformações políticas e sociais pelo mundo, nota-se que as charges sempre buscaram auxiliar na percepção desses fenômenos em sua forma peculiar como fonte de informação. Tanto por estarem “engajadas em uma luta política que busca esclarecer seu próprio posicionamento frente aos fatos cotidianos e

políticos da vida local e internacional", quanto por sua gênese de criticar esses mesmos fatos. Ao tempo em que pode vir a exercer influência nos formadores de opinião pública. (GAWRYSZEWSKI, 2008, p. 8).

Nesse sentido, uma charge poderá mostrar essas associações através de uma linguagem característica ao usar recursos linguísticos na transferência da informação política. Nesse caso, o desafio do chargista, será atingir o máximo da compreensão do receptor no mínimo espaço que lhe for destinado para expor a sua mensagem. Então, dentro desta perspectiva, seu compromisso como registro da informação culmina na produção de imagens que ajudam a compreender o tempo ao qual se reporta. Tudo isso, porque, o ciclo informacional iniciado com o autor, e finalizado no consumidor final da informação, só se completa quando o sentido real da charge é assimilado. Por esta razão, nas charges, todos "os mecanismos de projeção da enunciação são utilizados para obtenção de efeitos de aproximação ou de distanciamento do sujeito". Assim, adotam-se perspectivas variadas e assume-se o que pode ser admitido como verdade. Nesse sentido, ora as charges se identificam "com os diferentes actantes da narrativa, ora deles se afastam observando-os à distância". Todavia, vale lembrar, sempre voltadas para a construção do conhecimento e, por meio de informações que elas apresentam como um pressuposto da verdade, porém, pela perspectiva do chargista. (BARROS, 2011, p. 36).

Para Novaes (2011, p.18), "na perspectiva da semiótica, o ser humano em sua necessidade de representar procura estabelecer símbolos que exerçam tal função". Quanto a esta perspectiva, Joly (1996, p. 26) admite que a semiótica sempre existiu e é fundamentada em princípios que "remontam à Antiguidade grega", principalmente nas áreas de medicina e filologia da linguagem. Lembra que, desde os primórdios da civilização, o homem sempre procurou deixar marcas de sua imaginação através de sinais imortalizados em imagens que rodeiam toda a terra. Assinala que estas imagens "são tanto o reflexo como o produto de toda a nossa história". Entretanto, ela sublinha, que este contexto da semiótica como "ciência que estuda os diferentes tipos de signos e suas interpretações, estabelece sua tipologia e encontra as leis de funcionamento de suas diversas categorias," já é uma ideia mais recente. Uma perspectiva trabalhada a partir do reconhecimento da possibilidade de que a imagem também pode ser lida.

Esta proposta, pode ser analisada também pela ótica do pensamento de Foucault (1997, p. 187), quando ele afirma que a leitura é um reflexo da simbolização obtida na busca

das analogias formais e das translações de sentidos. Por este raciocínio, ele admite que "o campo de relações que caracteriza uma relação discursiva é o lugar de onde as simbolizações e os efeitos podem ser percebidos, situados e determinados". Se assim o é, analogamente, pode-se afirmar que o registrado em um enunciado representado pela linguagem da charge, pode ser também considerado como uma fonte de informação com objetivos específicos. Informação esta, que pode ser entendida pelos laços existentes entre os fatos circulados na forma imagética e nos contextos existentes nos sujeitos produtores e falantes dos discursos formulados para compor a informação.

De tal modo, em tese, se um texto informativo narrativo, teoricamente, deve se ater a uma coesão textual enquanto código linguístico, a charge, por meio da imagem, pode se estabelecer, também, como uma relação semântica entre dois elementos textuais. Isto porque a charge, também pode, em determinados contextos, assumir o papel de ápice da informação pelo seu poder imagético de transmissão, do que vai além da mensagem escrita e verbalizada. Ainda que ela venha adicionada deste recurso para amplitude do entendimento da mensagem, pois, enquanto o texto chega ao seu final, na charge há o potencial de seguir adiante. A charge sempre avança por um caminho que pode conduzi-la ao desdobramento da informação. Mesmo quando envolta em suas inevitáveis contraposições, são inúmeras as possibilidades das charges.

Nesse ponto de entendimento, concluímos que as charges possibilitam, ao mesmo tempo, abertura e dinamicidade interpretativa. Muita embora, não se pode deixar de registrar, que para Arbach (2007, p. 210), a charge é a representação gráfica de uma notícia já reconhecida do público, segundo a ótica do chargista, e que pode se apresentar tanto apenas através de imagens quanto combinando imagens e texto. Admite que sua "ocorrência, que opera em cima de fatos reais", torna imprescindível o conhecimento prévio do tema abordado por parte do leitor para a sua perfeita compreensão.

Fato é, que a charge, pelo seu aspecto crítico temporal, e também por ter o humor por elemento, carrega, segundo Gawryszewski (2008, p. 16), uma "carga de agressividade em sua essência, despertando a consciência crítica do leitor". Sobre esse aspecto temporal, fica implícito que para a compreensão de uma charge há de se conhecer o contexto situacional de sua mensagem. Principalmente, quando a charge não apresenta qualquer adicional de forma escrita como adjutor para o alcance da informação que se propõe a ofertar. Na falta deste recurso, a charge, devido aos contextos de ordem histórico, cultural e

social pode sofrer variação de sentido. Até porque, sua informação contextualiza com sua época.

Dentro desse processo, quando se incorpora essa relação ambígua de humor e conflitualidade no tratamento semiótico da informação, lembramos que Almeida Junior (2008, p.97) adverte que "há uma interferência no ato de mediar uma informação porque, a informação, contrariando o conceito aceito majoritariamente na área, está sendo empregada como criadora de conflitos". Admite que só estes "viabilizam a transformação do conhecimento". Dando continuidade a esse raciocínio, ele complementa que justo por esta razão, não se pode dizer que é prioridade da informação dirimir dúvidas ou eliminar incertezas.

Concluímos, então, que essa impossibilidade de total compreensão dos sentidos dos contextos de cada época, dessa forma de perceber as tendências das transformações políticas e sociais, pode ser amenizada pelas charges, em seu atributo de proporcionar a percepção de um mundo em seu caráter peculiarmente semiótico. Pois é certo que semiótica é percepção o tempo todo, e, portanto, é informação que entra por todos os sentidos, o tempo todo.

E ao seguir por este caminho, entende-se que estudos em torno dos aspectos críticos da análise conceitual das charges, em seu peculiar papel informacional, tem na Ciência da Informação um adjutor para o ponto de partida que está no entorno do objeto investigado. Principalmente, por que este tema aborda a informação que tramita na via do conflito, comum ao ambiente informacional das instituições políticas. Que se confirme isto no teor das mensagens das charges, sempre envolvidas nessas ações. Mesmo porque, como representação e fonte de informação, por mais imparciais que pareçam, as charges contêm ideologias na sua essência com informações, das quais, seus habituais leitores costumam se apropriar para formar a base de suas opiniões.

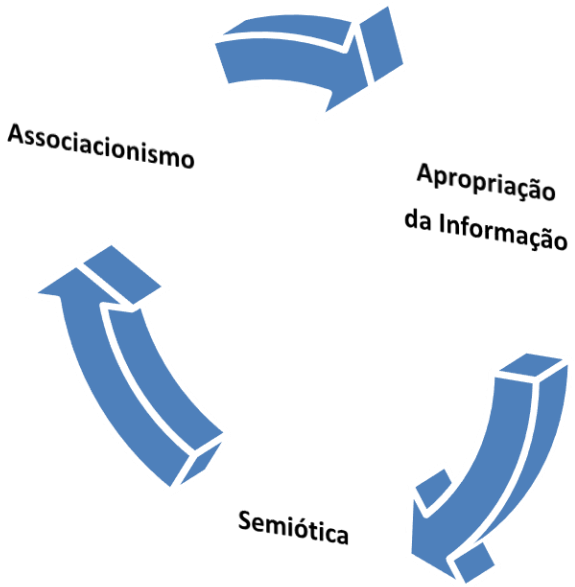
Sobre esta questão, Henfil (2014, p. 25), com toda a sua experiência, admitiu que mesmo que o chargista queira dar o curso ou um rumo a um personagem não vai adiantar, porque ele, "o personagem, é quem decide como é que vai ser o rumo da coisa. A receptividade é que vai dar o curso". Do que se pode afirmar, então, que o resultado final dos vários fenômenos informacionais que podem estar envolvidos em uma única mensagem será construído pelo receptor (leitor), e não pelo seu emissor/chargista.

Entende-se então, a partir desta ideia, que alguns detalhes podem ser explorados e

até atender às intenções dos autores, mas, ao final, o caráter de aceitação, entendimento ou conflitualidade da informação vai depender mesmo é do receptor, de suas leituras e experiências anteriores sobre o tema abordado. Acaba ali, então, o princípio de predominância do autor sobre o receptor de seu pensamento, ou seja, no caso aqui, do chargista sobre o seu leitor, segundo o princípio da alteridade da informação.

3 USO DA TRIDIMENSIONALIDADE NA LEITURA DA FONTE DE INFORMAÇÃO CHARGÍSTICA

Figura 01: **Tridimensionalidade da Fonte de Informação Chargística.**



Fonte: Elaboração da autora

Foi no acompanhamento do empenho dos chargistas, em passar suas ideias por meio das mensagens imagéticas, que chegamos à proposta representada na figura 01 da Tridimensionalidade da Informação Chargística. Nela defende-se que, em meio ao processo de apropriação da informação contida na charge, os leitores utilizam também mais dois critérios de apropriação, a saber, a decodificação das imagens por meio da visão semiótica

de Peirce, e do contexto de abordagem filosófica baseada nos conceitos de ideias simples e complexas (associacionismo) de John Locke.

Enfim, para melhor entendimento desta proposta de modelo de interpretação das charges, comecemos pelo conceito de apropriação da informação por Oliveira-Delmassa e Almeida Junior (2017, p. 4) que admitem ser esta

> uma atividade cognitiva intrínseca ao ser, que parte do relacionamento que o ser humano estabelece com seu meio, uma vez que, tendo acesso a dados, passa a atribuir significação, utilizando-os para clarificar dúvidas pontuais, criando novas e amplificadas discussões mentais que acabam gerando a necessidade de busca por novas informações. [...] N(a) mediação da leitura analisa as opções do leitor, seu conhecimento adquirido em vivências ou estudo, bem como sua imersão em diferentes mídias, procurando chegar ao seu principal objetivo – a apropriação da informação. (OLIVEIRA; DELMASSA; ALMEIDA JUNIOR, 2017, p. 4-7).

Conceito análogo ao de Alves; Correia; Salcedo (2017, p.1), por também admitirem que "a apropriação informacional é adquirida por meio de um processo de mediação cuja base é a leitura". Ora, ao seguirmos por esta visão, confirmamos que a charge cabe perfeitamente na teoria da tridimensionalidade informacional proposta neste modelo. Tal afirmação, ampara-se na certeza de que as práticas leitoras têm como objetivo principal construir um processo cognitivo informacional. Na leitura de uma charge pelas três dimensões, aqui apresentadas, também se utiliza o mesmo caminho cognitivo do sujeito do conhecimento, ou seja, segundo Becker (1999, p.1), "no nível de abstração que lhe compete lá onde ele produz sentido". Em virtude disso,

> os sujeitos constroem um conjunto de práticas informacionais e leitoras por meio de processo interacional. [...] eles implicam as ações de busca, produção, apropriação e compartilhamento de informações, as quais são adquiridas mediante o uso da leitura por um processo mediado por diversos interferentes contextuais, humanos, culturais e tecnológicos. Os conhecimentos, habilidades, sentimentos, valores e vivências adquiridos e transformados durante esses processos também compreendem as práticas informacionais e leitoras. (BECKER, 1999, p.1).

Aqui, novamente, fica evidente que na leitura de uma charge a interatividade das ciências cognitivas, aqui no caso no que se refere particularmente ao conhecimento produzido pela percepção, é que se se completa a apropriação da informação que está implícita em suas formas. Nesta ação, a charge, na proposição de despertar o leitor sobre o

que está em sua volta obriga-o, em meio aos traçados da imagem, a ampliar e intensificar sua consciência buscando entender e apreender as informações nela representada. Ou seja, analogicamente ao conceito de Becker sobre compartilhamento e apropriação da informação, temos uma visão clara de que a leitura de uma charge não acontece da maneira direta, pura e simples como alguém poderia supor. Defendemos que neste processo, na realidade, também estão envolvidas contribuições da semiótica (interpretações dos signos) e busca do armazenamento mental (processo perceptivo) para recuperação e utilização do estudo das formas representadas, de acordo com o arcabouço intelectual de cada leitor (associacionismo). E então a proposta ficaria assim explicada:

Figura 02: Análise da Tridimensionalidade da Informação Chargística.

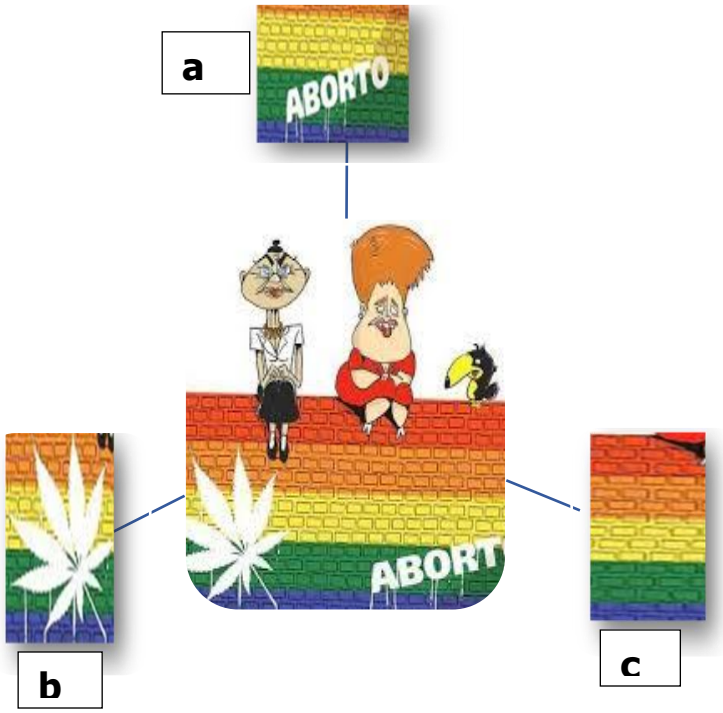
Fonte: Elaboração da autora

Por esta visão, retomamos a questão do uso do signo em sua contribuição semiótica para a leitura das charges por ser uma via sem a qual, admite Peirce, “nenhuma questão de fato pode ser asseverada”. Assim, todo assunto abordado em uma charge está nela

representado a partir da dicotomia chargista e interpretante.

Uma relação que segundo Peirce (2010, p. 75), trata-se de "qualquer coisa que conduz uma outra coisa (seu interpretante) a referir-se a um objeto ao qual ela mesmo se refere (seu objeto) de modo idêntico, transformando-se o interpretante, por sua vez, em signo, e assim sucessivamente *ad infinitum*". E nessa relação realmente infinita, todo assunto abordado em uma charge está nela representado. São interpretações, dirigidas pelos sentidos e tido pelo próprio pensamento de Pearce (2010, p. 75) como "sujeita a certas operações dinâmicas. Enquanto traz uma associação compulsiva a nossa mente". Vejamos essa ideia através da representação da imagem a seguir:

Figura 03: Decomposição da imagem.



Fonte: Aziz (2014)

Observe-se, que, enquanto isolada, a imagem que representa a palavra aborto (fig. a) e a folha da maconha (*canabbis sativa*), fig. b), não tem nenhuma analogia ou similaridade com a figura. Entretanto, produz indícios quando inserida na imagem em sua totalidade. O

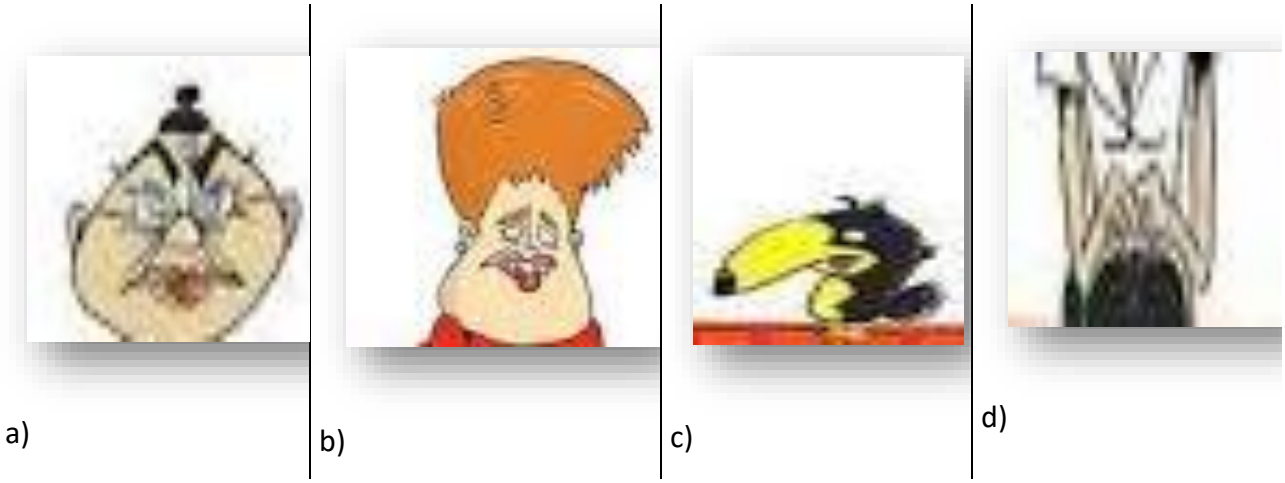
que não ocorre com a bandeira arco-íris adotada pela comunidade LGBT (fig. c), um símbolo que liga a um objeto individualmente universalizado. Por isso se afirma que

> O índice é um signo ou representação, que se refere ao seu objeto não tanto em virtude de uma similaridade ou analogia qualquer com ele, nem pelo fato de estar associado a caracteres gerais que esse objeto acontece ter, mas sim por estar em uma conexão dinâmica, tanto com o objeto individual, por um lado, quanto, por outro lado, com os sentidos ou a memória da pessoa a quem serve de signo. (PEIRCE, 2010, p. 74).

Em seguida, para fechar o ciclo da tese de Tridimensionalidade da Informação Chargística, apresentamos uma abordagem filosófica que revisita a ideia de associacionismo de John Locke (1632-1704), pela qual, a qualidade primária da imagem consiste naquilo que está no objeto, e a qualidade secundária só existe a partir da percepção do observador. O que evoluiu para o princípio de ideias simples e ideias complexas. Uma proposta que segundo Schwultz e Schwultz (2017, p. 38), as ideias simples partem da sensação que a imagem reflete, a priori, sobre a mente.

Sob esta mesma visão, as ideias complexas, veem a ser “as derivadas, compostas pelas simples, que podem ser analisadas ou reduzidas a componentes mais simples”. O que de acordo com esta tese, trata-se de um contexto viável para se entender este modelo triádico da charge como fonte de informação, conforme veremos abaixo:

Figura 04: Decomposição da imagem 2

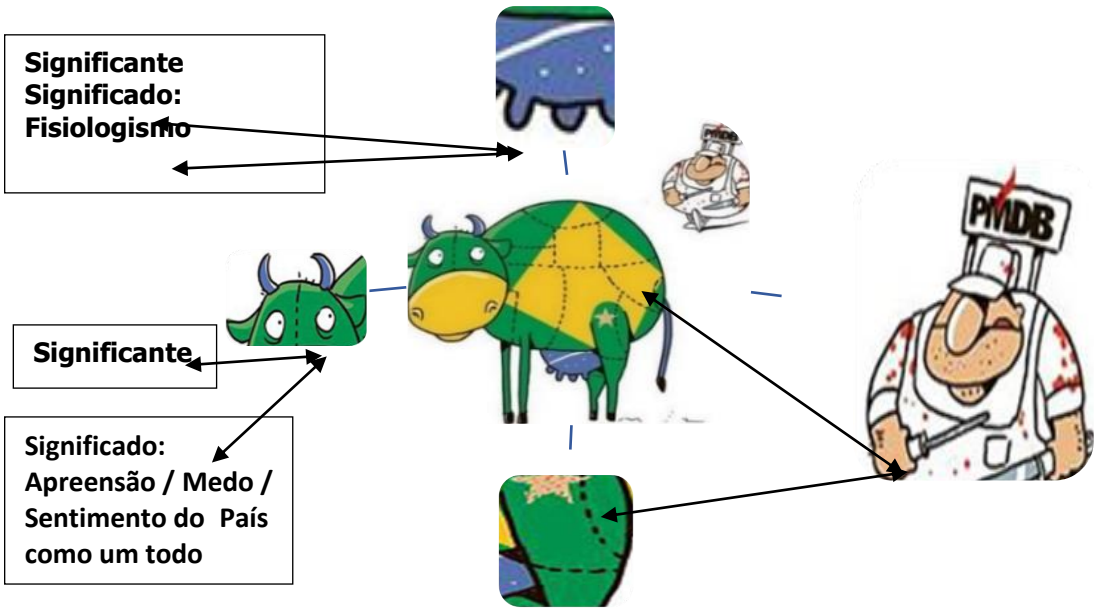


Fonte: Imagens adaptadas de Aziz (2014)

Assim, ao decompormos a imagem da fonte de informação que temos a nossa disposição, realizamos, além da leitura geral do quadro que nos é apresentado, a percepção

dos sentidos que figuram em segundo e terceiro planos, até atingirmos, conforme Bardin (2011, p.48), "outros 'significados' de natureza psicológica, sociológica, política, história, etc." Aspectos que são contemplados na relação entre o estudo da imagem da charge e esta teoria da tridimensionalidade, pelo ponto de vista da Ciência da Informação em seu aspecto cognitivo; da experiência e herança cultural de quem lê a imagem e do processo de informação e comunicação na transferência, organização, navegação e recuperação da informação. Isto ficou constatado na secção 2.3, deste trabalho, ao nos depararmos com as opiniões antagônicas, enviadas ao jornal A Tarde, sobre as charges publicadas naquele veículo. Assim, pelo modelo aqui proposto, o mecanismo de compreensão e apropriação da informação se desenvolve da forma ilustrada na imagem seguinte:

Figura 05: Decomposição da imagem 3



Fonte: Aziz (2016)

Em síntese**,** no processo de apropriação da informação contida na charge, há uma forma generalizada de percebê-la como protagonista da necessidade social de informação. Em seguida, por seu poder de agregação de vários fenômenos ligados à informação e ao conhecimento. Sem esquecer que há também, na charge, as formas individuais que atravessam o processo do entendimento desses fenômenos. De entende-las como fontes de informação porque, afinal, conforme Silva e Saldanha, (2016, p. 5), "muitas são as possibilidades de descrever o fenômeno informacional e muitos são os conceitos inseridos em suas estruturas teóricas". No que eles sugerem "a observação de certos pressupostos

ontológicos relevantes para a fundamentação da Ciência da Informação", principalmente quando aliada a uma reflexão filosófica.

Esse processo informacional, se agrega ao conceito de Alves; Correia; Salcedo (2017, p. 1) de que o sujeito do conhecimento, em uma "perspectiva sociocontextual, nas ações de busca, uso e compartilhamento de informações, se apropriam de fontes atribuindo-lhes sentidos, sentimentos e vivências às suas ações". Dito, que reforça a ideia de dependência da herança cultural e informacional do leitor para decodificação dos assuntos registrados em uma charge.

Ora, quando aliamos este pensamento acerca da apropriação da informação e dos sentidos percebidos nas charges, obrigamo-nos a registrar que não podemos esquecer dos outros empiristas além de Locke, como Berkeley, ou, mais particularmente Hume, que também abordou a questão da associação de ideias. Muito menos, que este último abordou a questão da associação com maior ênfase ao fenômeno das experiências sensoriais simples, que se aliam para criar formas complexas de conhecimento.

Todavia, pautamo-nos aqui, preferencialmente, pela visão associacionista de John Locke em seu detalhamento da tese aristotélica da mente como tábua rasa. Ao contrário de Descarte, que defendia uma mente com ideias inatas, segundo Cotrim (2006, p. 150), este filósofo, em sua tese empirista defende

> Que as ideias que possuímos (isto é, todo conteúdo do processo do conhecimento) são adquiridas ao longo da vida mediante o exercício da experiência sensorial: que vem das nossas primeiras ideias, as sensações que nos vem a mente através do sentido[...] e depois da reflexão combinando e associando as sensações por um processo de reflexão [quando então] a mente desenvolve outra série de ideias que não poderiam ser obtidas das coisas externas. Seriam ideias como a percepção, o pensamento, o duvidar, o crer o raciocinar. (COTRIM, 2006, p. 150).

Assim cabe na teoria de Tridimensionalidade da Informação Chargística, a explicação do processo de apropriação da informação contida nas charges com todos os seus signos. Também, no conceito da mente que um dia foi uma folha em branco, mas, que, no entanto, ao passar por todo o processo de conhecimento, utilizará toda a experiência aprendida para decodificar todas as leituras contidas na fonte de informação específica da charge, pois, afinal,

> fonte de informação pode ser qualquer coisa que tem a característica de informar algo para alguém, por esse motivo é abrangente a sua aplicação.

> [...] existem várias fontes de informação que registram conhecimento de forma impressa, podendo ser a parede de uma caverna, um papiro, o couro de um animal, na argila, uma tabuleta de cera, uma pintura e/ou outros suportes que registrarão e registram a informação. (ARAUJO; FACHIN, 2015, p. 85).

Diante de conceituação como esta, afirmamos que no modelo triádico, criado para interpretação das charges, enquanto fonte de informação, o processo de leitura se dá pela apropriação prévia da informação mediante a decomposição de suas imagens para, através das associações das ideias simples e complexas, identificarmos os signos nelas contidos. No que, conclusivamente, a percepção é a grande realidade que envolve a leitura das charges. O que pode ser aplicado às hipóteses propostas no projeto de pesquisa, a saber, até onde esses recursos conseguiram, tanto no passado como no presente, atingir a compreensão do cidadão. E de como podemos explorar, e explanar, o método da ciência, de forma a atingir a legitimidade da ideia contida na charge como fonte e, também, de representação não verbal da informação no desenvolvimento político eleitoral brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme objetivo deste trabalho, de investigar a charge além de seu contexto hipotético de complementaridade e suplementaridade da informação, conseguiu-se, por meio da aplicação do modelo de Tridimensionalidade da Informação Chargística, a confirmação da hipótese de que a charge, dentro do universo do cenário político eleitoral brasileiro, consolidou-se como uma fonte de informação de representação não verbal. Principalmente, na parcela que tem maior dificuldade em saber, e entender, o que se passa a sua volta. Fenômeno que ainda persiste no Brasil, desde quando, dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2017) dão conta de que ainda temos 11,7 milhões de analfabetos.

Assim, confirma-se que a charge é capaz de prover informação ao sujeito da pesquisa, a saber, o eleitorado formado pelos representantes das diversas camadas sociais e culturais que totalizam a formação do Estado brasileiro.

A partir dessa premissa, admite-se que os chargistas ainda se detém em sua tarefa de informar, pelas imagens, sob os mesmos confrontos vividos por seus antecessores dos primórdios da era republicana. Ou seja, inserem-se no campo minado da informação

política, pelos caminhos dos confrontos entre protagonistas da informação e personagens políticos. Estes últimos, em sua maioria, formados por personalidades amparadas por um lastro formado pela carreira política bem-sucedida e, tão dinástica, quanto a extinta monarquia, cujos filhos repetem comportamentos informacionais compatíveis com a oralidade de seus antecessores. No que usam a informação, como ferramenta para a concretização da eterna busca do princípio weberiano da perpetuação do poder.

Compreende-se que o promove estes conflitos, é a observância de que a informação que emerge de cada esboço desses chargistas, também tem suprido material para os arquivos com seus documentos (e não só os da ditadura). Tanto por suas características de completude e autenticidade, tanto pelos outros itens que lhes são peculiares, como material de estudo pelos profissionais que podem se utilizar das charges para suas pesquisas.

Afinal, pode-se afirmar, que a charge em seu caráter de atemporalidade, tem representado a contento, seu papel como fonte de informação. Bem verdade, um tanto complexa, uma vez que seu caminho se dá, sempre, pela via da concessão ao impulso artístico. Todavia, certo é, como reforço da tese, que pela ideia da tridimensionalidade, a charge transforma a montagem do grande número de dados fragmentados através da história em conhecimento. Pelo uso de simbologias, nas propriedades originais de suas imagens, a charge consegue dar acesso ao público às informações em seu caráter de veracidade. Mesmo, quando estas informações estão imbuídas de falsificação ou alteração que as distanciam de seus documentos originais.

Foi assim, que por meio de profissionais hábeis, toda a produção chargística de nomes a começar por Ângelo Agostini, chargista oitocentista, a nomes como Ziraldo, Millôr Fernandes, Angeli, Glauco, Henfil, Laerte, Jaguar, os irmãos Caruso e outros expoentes deste recurso informacional, seja em parte, seja integralmente, cumpriram, ou cumprem sua missão no sentido de ressaltar e preservar esta fonte de informação a serviço do desenvolvimento histórico político do Brasil. Muitas de suas imagens, geram informações que dificilmente poderiam chegar ao conhecimento da sociedade de uma outra forma em determinados períodos e contextos históricos, quando não havia sistemas tecnológicos como na atualidade. Quanto a esta vertente tecnológica, é verdade que não sabemos o quanto a sua contribuição para a disseminação da informação nos reservarão para futuros distantes. Todavia, ao que nos interessa para nossas reflexões no campo da ciência da

informação, aplicada ao meio político, é entendermos que elas sempre estarão sujeitas aos movimentos contrários deste universo tridimensional contemplado pela informação produzida, informação percebida e informação filosoficamente implícita.

Neste conceito rotativo, onde a informação segura o pêndulo do relógio remindo o tempo de duração de cada período político, para cima e para baixo, para esquerda e para a direita, ou ainda, para frente e para trás, sabemos que é justamente esta movimentação que garante a sobrevivência de toda a humanidade em qualquer ramo em que a ciência possa explicar os fenômenos do universo. E não seria diferente na Ciência da Informação.

Justamente, ao se analisar esta proposta à luz da Ciência da Informação, se a informação não trouxer nenhuma modificação na vida de uma pessoa será, então, inócua. Pela via do dogmatismo crítico, admitimos que a informação deve servir para ajudar a sociedade a tanto compreender as ideias já existentes, quanto a desenvolver as legitimamente próprias. Pensamento análogo à visão semiótica peirciana, da indispensável decodificação dos signos que, silenciosos ou não, percebidos ou não, não exime seus leitores da responsabilidade social de interpretante para a formação de seu pensamento.

E esta conclusão a que chegamos, não é aleatório e nem fruto de especulação. Porém, como enfatiza Popper (1987), uma visão de mundo dentro de uma realidade concreta de concepção científica. Lembrando que, para este pensador, o método da ciência é permeado de hipóteses audazes e habilidosas, seguidas de tentativas severas para rejeitá-las. O que tornou imprescindível, em nossa pesquisa, o esforço conjugado para desenvolver um trabalho meticuloso em busca da verdade. Mesmo tendo em vista a tão proclamada transitoriedade da ciência.

No que afirmamos que o grande mérito em decifrar os códigos não verbais de uma fonte de informação como as charges, já não seria privilégio só do cientista (da informação ou de qualquer outra ciência) e, sim de todo aquele que tem acesso à informação circulada. Do contrário, correremos o risco de ver acontecer aquilo que Alves (1993, p. 63) tanto temeu: “se existe uma classe especializada em pensar (os cientistas) os outros indivíduos podem se sentir liberados da obrigação de pensar simplesmente tomar a decisão de só fazerem aquilo que os cientistas assumirem como verdade”. Mas o que é a verdade?

Dentro do contexto desta pesquisa, a verdade é fruto da apropriação da informação, corroborada pela percepção (semiótica) e das associações mentais individuais. Por isso, esta teoria tem também como resultado de sua proposta, proporcionar instrumentos de leitura

da charge que possa levar seus receptores a descobrir sua codificação; perceber o funcionamento dos elementos e chegar ao entendimento do que sugere e representa a charge.

Finalmente, dessa forma foi construído o modelo tridimensional. No intuito de demonstrar que as charges são construídas a partir de estratégias mentais importantes para ler e decifrar os sentidos e conteúdo das mensagens subliminares de suas imagens. E a Ciência da Informação entra neste contexto como adjutor na decifração desses significados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco. Informação pública: conceito e espaços. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). **Formação do profissional da Informação.** São Paulo: Polis, 2004. p.77.

ALVES, Mariana de Souza; CORREIA, Anna Elizabeth Galvão Coutinho; SALCEDO, Diego Andres. Práticas leitoras e informacionais: mediação e apropriação. **XVIII ENANCIB.** Marília (SP), 2017. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/59069. Acesso em: 17 abr. 2018.

ARAUJO, Nelma Camêlo; FACHIN, Juliana. Evolução das fontes de informação. Rio Grande (RS), **Biblos** :**Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação** (FURG), v. 29, n.1, 2015. Disponível em: https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/5463/3570. Acesso em: 19 abr. 2018. p. 85.

ARBACH, Jorge Mtanios Iskandar. **O fato gráfico**: o humor gráfico como gênero jornalístico. 2007. 246 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação, Jornalismo e Linguagem) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-22072009-182433/pt-br.php. Acesso em: 12 jul. 2015.

AZIZ, Bruno. Charge. **A Tarde**. 22 set. 2014.

_____. Charge. **A Tarde,** Salvador, ano 104, edição 35520, 10 jul. 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2011.

BECKER, Fernando. **O sujeito do conhecimento: contribuições da epistemologia genética**. Disponível: http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/55807/33904.

COTRIM, Gilberto. ***Fundamentos da filosofia****: história e grandes temas.* São Paulo: Saraiva, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 5. ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

HENFIL. **Como se faz humor político**: Henfil, depoimento a Tárik de Souza. São Paulo, Kuarup, 2014.

GAWRYSZEWSKI, Alberto. Conceito de caricatura: não tem graça nenhuma. **Revista Domínios da Imagem**, Londrina, Universidade Estadual de Londrina. n.2, mai. 2008. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/dominiosdaimagem/article/view/19302. Acesso em: 10 dez. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSITCA (IBGE). **Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade, por sexo – Brasil – 2007/2015**. Disponível em: https://brasilemsintese.ibge.gov.br/educacao/taxa-de-analfabetismo-das-pessoas-de-15-anos-ou-mais.html. Acesso em 25 fev. 2018.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Tradução Marina Apenzeller. São Paulo (Campinas), 1996 (Coleção Ofício de Arte e Forma). Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=rp1asJUNWk4C&oi=fnd&pg=PA9&dq=semi%C3%B3tica+imagem&ots=GOoCUFO5OF&sig=OXLTibaZSjEWjO99iPXwv57U53s#v=onepage&q=semi%C3%B3tica%20imagem&f=false. Acesso em: 18 nov. 2016.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília (DF), Briquet de Lemos, 2004.

NOVAES, Denise Queiroz**. A hierarquia semântica de conceitos em tesauros.** 2009, 142 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: < http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_NovaesDQ_1.pdf. Acesso em: 04 ago. 2016.

OLIVEIRA-DELMASSA, Heloá Cristina; ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. A mediação da informação em projetos de incentivo à leitura. XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – **ENANCIB** 2017. Disponível em: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/xviiienancib/ENANCIB/paper/viewFile/46/1280 . Acesso em: 17 abr. 2018.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

POPPER, Karl Raimund. **Conhecimento objetivo**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydnei Ellen. **História da Psicologia moderna**. São Paulo, Cengage Learning, 2017.

VOKS, Douglas Josiel. Charge, humor e crítica: o protecionismo americano como entrave na economia cafeeira sob a ótica da revista careta (1929-1930). **IV Congresso Internacional de História.** 2014.

VOLLI, Ugo. **Manual de semiótica**. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2012.